





Barão de S. Braya

Lith. de J. Alves Leite Successores

# REVISTA CONTEMPORANEA

DO

# PARTHENON LITTERARIO.

CONSAGRADA A'S LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES.

---

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

APPELLES PORTO ALEGRE.

ARTHUR ROCHA.

AUGUSTO TOTTA.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

APPOLLYNARIO PORTO ALEGRE.

ALVES TORRES.

REDACTOR E GERENTE:

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

---

PORTO ALEGRE. ANNO XI DO PARTHENON.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PARTHENON LITTEARHO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

## Esboço biographico.

Tenente General Victórino José Carneiro Monteiro.

(Barão de S. Borja.)

### I.

Não é o busto de um rio-grandense illustre, que occupa, este numero, a pagina de honra da *Revista do Parthenon*.

Não, aquelle grande homem, cuja biographia seria esplendida com a só inscripção de seu gloriozo nome, não nasceu sob o brilhante signo do tropico do Sul.

Mas o que importa á nós, á mocidade, que só presta culto ao merito — unicamente ao merito — a fortuita circumstancia, o acaso do nascimento?

E' nobre, é immenso o amor da patria para que soffra restricções; para que se possa conter na ciuta estreita da convenção politica, que subdivide um paiz em fracções para que mais regularmente funcione a mechanica administrativa.

Não, o verdadeiro amor patrio não cabe nas raias geographicas de uma provincia; amplia-se, comprehende toda a porção do territorio, que constitue a nação.

Assim o sentira Victorino José Carneiro Monteiro, aquelle patriotico estudante, aquelle heroico voluntario, que, quando vio sua provincia conflagrada pela guerra civil, abandonou os louros da Academia, para os ir conquistar nos campos de batalha: assim o sentira o intrépido mancebo, que aos dezeseis annos de idade recebia o baptismo de fogo em Panellas de Miranda e o seu primeiro ferimento no combate de Jacuhype.

Para elle a patria não era só a sua provincia natal, mas o Brazil inteiro; e assim foi que o vimos, mal curado ainda de seu gloriozo ferimento, acudir presurozo ao sul,

onde tambem a guerra civil fazia perigar a integridade do grande imperio americano; e onde, apoz distinguir-se por sua indômita bravura nos ataques do Taquary e do passo de S. Borja, recebeu no peito o segundo ferimento, quando carregava sobre o inimigo, no ataque do banhado de Inhatyum.

E' santo o amor da patria!

O caminho do exilio vai cheio de peregrinos, que vão fugindo a miseria ou a perseguição, guiados pela esperanza para longe terras... desconhecidas até... Aquelle porém, que analysar o pó, que se levanta d'essa triste estrada, encontrará n'elle o amargo sabor do pranto da saudade, e como que ouvirá em seus échos os soluços, os gemidos dos desgraçados, que a trilhão...

E' santo o amor da patria!

Nenhum outro sentimento é mais nobre, dos que se aminhão no coração humano. Elle só é capaz de tanto heroismo, de tanta dedicação, de tão sublimes sacrificios.

E o Barão de S. Borja foi um dos patriotas mais dedicados, e uma das mais puras e brilhantes glorias militares do Imperio de Santa Cruz.

Foi um brasileiro illustre!

Se lhe a provincia de Pernambucos e orgulha de lhe ter sido o berço, a de São Pedro do Rio Grande do Sul se nobilita por ter sido o theatro de seus mais brilhantes feitos d'armas, a terra de suas mais caras affeições, a patria idolatrada de seus filhos e a urna, que encerra o seu glorioso despojo.

.....  
Calemos porém, por um instante o sentimento de saudade e veneração, que sua memoria nos infunde... cedá o amigo dedicado o lugar ao historiador calmo, frio e desapassionado... e á palavra siugela, mas insuspeita e veridica de sua fé de officio, cujos excerptos vamos transcrever, caiba a honra de fazer o brilhante historico da vida d'esse preclaro varão.

## II.

„Tenente General. — Barão de São Borja, filho legitimo do Major João Francisco Carneiro Monteiro, natural da provincia de Pernambuco, nasceo em 1816. Casado.

„Sendo estudante e achando-se sua provincia em guerra civil, em 1832, offereceo-se voluntariamente para marchar

para Panellas de Miranda e Jacuhype nos limites da mesma provincia e da de Alagôas, em favor do governo, e ali foi gravemente ferido em um encontro com os rebeldes. Sendo dispensado de continuar na guerra, em 1833, recolheu-se á capital d'aquella provincia, onde foi nomeado Alferes da Guarda Nacional, por eleição popular, e depois pelo Governo promovido á Tenente e Capitão, em 1837.

„N'este posto, offereceo-se para marchar para a provincia do Rio Grande do Sul, que tambem se achava em guerra civil, a 17 de Novembro do mesmo anno, e seguiu incorporado a um contingente de primeira linha, que fez parte do 5º batalhão de caçadores, que se estava organizando no Passo dos Canudos, na dita provincia, sob o commando do Major João Nepomuceno da Silva, onde passou a servir de Ajudante.

..Foi promovido á Alferes da 1ª linha do Exercito, por decreto de 20 de Agosto de 1838, sendo classificado no dito batalhão. Servio de Ajudante de Campo do commando da 2ª brigada de Junho a Novembro de 1839, e a 2 de Dezembro deste anno foi promovido á Tenente para o mesmo batalhão. Assistio aos ataques de Taquary (3 de Maio de 1840), ao do Passo de São Borja (13 de Junho de 1841) e ao do banhado de Inliatyum, onde foi ferido, a 22 do mesmo mez e anno. Por decreto de 20 de Maio de 1842 foi promovido á Capitão para o mesmo batalhão, contando antiguidade de 18 de Julho de 1841. Pela provisão de 27 de Setembro d'aquelle anno foi-lhe mandado contar como tempo de serviço o decorrido de 17 de Novembro 1837 até 20 de Agosto de 1838 em que, sendo Capitão da Guarda Nacional da provincia de Pernambuco, foi promovido á Alferes para o Exercito.

„Pela Ordem do Dia do Quartel General do Commando em Chefe do Exercito, sob nº 38, de 27 de Outubro de 1842 foi nomeado Major da 2ª brigada, em cujo exercicio prestou importantes serviços por occasião do sitio, que os rebeldes puzerão em Vacaquá ao 9º batalhão de caçadores, em Abril de 1843. Achando-se ainda no mesmo exercicio soffreo o sitio de dez dias, que os rebeldes puzerão á 2ª brigada no Rincão do Trilha, junto á villa de São Gabriel, no mencionado mez. Foi elogiado pela Ordem do Dia do Quartel General do Commando em Chefe do Exercito, sob nº 60, de 24 de Junho do mesmo anno, pela maneira

pela qual desempenhou suas funcções. de 5 a 10 do dito mez, no sitio que soffreo o 6º batalhão de caçadores junto á villa do Alegrete. posto pelas forças totaes do inimigo.

„Exonerado do exercicio de Major de Brigada e tendo sido dissolvido o 5º batalhão de caçadores a que pertencia, foi mandado servir no 6º da mesma arma, e louvar pelo energico comportamento, que mostrou no acto vertiginoso do referido 5º batalhão em 21 de Março de 1844, sendo incorporado ao 6º batalhão, no qual foi mandado incluir como effectivo.

Fez a guerra contra os rebeldes da provincia do Rio Grande do Sul, desde Novembro de 1837 até a sua pacificação em 1º de Março de 1845. Por decreto de 30 de Julho de 1845, foi transferido para a arma de cavallaria, sendo incluído no 2º regimento como Capitão da 3ª companhia, ao qual se apresentou a 6 de Novembro desse mesmo anno. Por decreto de 29 de Janeiro de 1846 foi nomeado Cavalleiro da Ordem da Rosa. Em 27 de Novembro ainda do referido anno foi encarregado de uma commissão pelo Ex<sup>mo</sup>. Snr General Commandante das Armas, e d'ella recolheo-se a 20 de Janeiro de 1847, assumindo o commando do regimento, o qual deixou a 5 de Fevereiro, data em que passou a fiscalizal-o; assumio de novo o commando do mesmo a 26 de Março e deixou esse exercicio passando para o de Fiscal em 3 de Junho.

„Por ordem do Ex<sup>mo</sup>. Snr. General Commandante das Armas seguiu em uma deligencia em 12 de Agosto, e d'ella recolheo-se a 8 de Outubro, data em que assumio o commando do regimento. Por despacho do commando da 3ª brigada de 17 de Janeiro de 1848 teve licença sem tempo determinado para tratar de sua saúde na villa do Alegrete...

„Por decreto de 27 de Agosto de 1849 foi promovido a Major Graduado para o mesmo regimento, e pela Ordem do Dia do Quartel General do Commando das Armas de 27 do mesmo mez foi mandado fiscalizar o 3º regimento de cavallaria ligeira. Por outra Ordem do Dia de mesmo Commando, de 28 de Outubro, foi mandado recolher a seu corpo e elogiado pela dedicacão com que servio e actividade desenvolvida no exercicio de fiscal do 3º regimento. Marchou em deligencia para a fronteira em 24 de Novembro, tudo em 1849. Recolhendo-se ao regimento em 23 de Abril



de 1850, entrou no dia immediato no exercicio de Fiscal e passou novamente a commandal-o em 5 de Junho, exercicio que deixou a 24, para reverter ao de Fiscal.

Fez a campanha da Republica Oriental do Uruguay desde seu principio, em 4 de Setembro, até 3 de Dezembro, tudo do anno de 1852. Teve direito á medalha concedida pelo decreto n° 932 de 14 de Março de 1852 por ter feito a dita campanha.

„Por decreto de 19 de Junho de 1852 foi promovido a effectividade do posto de Major para o 4° regimento de cavallaria ligeira, ao qual apresentou-se a 27 de Maio de 1853; assumio o commando do regimento no 1° de Junho do mesmo anno. Marchou em 25 de Março de 1854, commandando o regimento, da fronteira de Bagé para a Republica Oriental do Uruguay, fazendo parte da Divisão Brasileira, que para ali expedieionou.

„Por decreto de 22 de Outubro de 1854 foi promovida á Tenente Coronel para o referido regimento, e pelo de 14 de Março de 1855 nomeado Official da Ordem da Rosa. Pelo commando daquella Divisão foi nomeado commandante da 1ª brigada, do qual foi exonerado a 6 de Setembro, voltando a commandar o seu regimento na mesma data.

„Regressou com a supracitada Divisão Brasileira de Montevideo á provincia do Rio Grande do Sul a 19 de Dezembro de 1855.

„Deixando o commando do regimento, foi elogiado na Ordem do Dia do Commando das Armas de 19 de Março de 1857, por ter durante o tempo que exerceo aquelle commando portado-se de modo que se tornou digno de todos os louvores e da estima de seus superiores, tanto pelo exacto cumprimento de ordens, como pela disciplina aceio e uniformidade que em subido gráo se observava no mesmo regimento.

„Por decreto de 2 do Dezembro de 1857 foi promovido á Coronel commandante para o 3° regimento de cavallaria ligeira, e a 1° de Abril de 1858 nomeado Commendador da Ordem da Rosa. Pela Ordem do dia do Commando em Chefe do Corpo de Exercito em Observação, n° 28, de 17 do mesmo mez, foi nomeado commandante da 1ª brigada.

„Por decreto de 5 de Junho foi nomeado Cavalleiro da Ordem de São Bento de Aviz; e por determinação do Ex<sup>mo</sup>. Sñr. General Commandante das Armas, de 14 de De-

zembro de 1859, assumio interinamente o commando da 1ª brigada de novo organizada na cidade de Alegrete. Em Ordem do Dia do Quartel General, sob nº 29, de 7 de Julho, declarou o Commando das Armas que ficava satisfeito pela maneira por que desempenhára as funcções inherentes aquelle commando.

Marchou com seu regimento, ao 1º de Julho de 1864, para a fronteira de Bagé e chegou ao Pirahy Grande a 9 do mesmo mez, sendo esse o primeiro corpo que acampou naquelle lugar, onde se reunirão todas as forças, que compuzerão o Exercito que invadio o Estado Oriental. Durante o tempo que o Ex<sup>mo</sup>. Sñr. General Commandante das Armas permaneceu em Bagé foi por elle encarregado do commando geral d'aquelle acampamento, onde mostrou, por mais uma vez, o zelo e actividade que emprega no serviço publico.

(Continúa.)

**Bernardino dos Santos.**

## Dezoito de Junho.

O dia 18 de Junho de 1879 marcou ao *Parthenon Litterario* mais um anno de existencia.

Só este facto bastava para possuil-o de nobre orgulho.

Associações d'esta ordem, quantas percorrerão tão largo estadio, e qual mais brilhante, mais proficuamente assignalou sua passagem, registrando tão assignalados serviços á causa da civilização?

Nenhuma. As mais bem fundadas, cahirão; e o pó do esquecimento cobrio as pégadas de seus primeiros passos.

Associações scientificas ou litterarias, beneficentes ou industriaes, artisticas ou puramente especulativas, quaes as que nascerão com o *Parthenon*, ou crearão-se ulteriormente, e que ainda sobrevivem?

Duas apenas: as sociedades de beneficencia *Brazileira União* e *Porto Alegre*se.

Quaes, porém, têm sido os serviços por ellas prestados á causa da civilização e da humanidade?

Prestou-os quando o cholera-morbus pela segunda vez flagellou esta capital, e devemos confessar que forão esses importantes. Mas desde essa lugubre época até hoje, qual tem sido a sua utilidade? Pois foi só para prestar serviços, quando todos os devem prestar e prestão-os com a maxima caridade, que ellas se instituirão, e que impõem á seus socios o onus pezado de contribuições mensaes, e a todos o de auxilia-las para sua sustentação? Não, por certo. Seu fim não é estar á espera que de tempos a tempos venhão as epidemias encher-as de enfermos, e durante os largos intervallos, que separão essas épochas de desolação, conservarem-se ou perfeitamente inuteis, ou quasi improficuas.

O nosso corpo social, entretanto soffre, e soffre muito, de uma enfermidade gravissima — que o alquebra e prostra na mais repugnante miseria. Não é a peste, que enche de moribundos as enfermarias dos hospitaes, mas aquella mephitis, que enche as cellulas das cadeias e os horrendos calabouços das prisões militares — a ignorancia.

Com a ignorancia, o fanatismo e a occiosidade completão a hedionda e horrorosa trilogia, que impera na actualidade.

A caridade, essa nobilissima virtude que, nos ensinou o divino mestre, é multipla em suas manifestações e resultados: não se exerce apenas junto ao leito do pestifero moribundo, mas em toda a parte e em todas as occasiões. E' mais fecunda em beneficios quando illumina a treva da ignorancia, dando aos desprotegidos da fortuna a instrucção, aos opprimidos justiça, aos captivos liberdade, aos occiosos a esmola do trabalho, que em vez de aviltar ainda mais a sua degradação moral, regenera-os e nobilita-os. A verdadeira caridade é, êmfim, aquella que espanca a noute do erro com o facho luminoso da verdade.

Não são uma censura, que fazemos aquellas associações, mas um appello aos sentimentos generozos e patrioticos de suas directorias, estas considerações, que nos occorrem no momento em que celebramos o undecimo anniversario do *Parthenon Litterario*.

Transformem-se os vastos salões dos palacetes d'essas associações, situados nos dous pontos extremos da capital, de enfermarias inuteis, que são, em escolas nocturnas, em officinas de aprendizagem, que devem ser; e o *Parthenon* se orgulhará em ir pedir-lhes a honra de um lugar, o mais modesto, nos bancos de suas aulas, e junto de suas forjas.

Erão poucos, bem poucos, os moços, que em 18 de Junho de 1868 se congregarão para fundar o *Parthenon*: não dispunhão de recursos pecuniarios e nem esperavão obtel-os nunca; mas erão ricos de constancia, de valor e patriotismo; — e tanto bastou para que onze annos depois elle registrasse em seus fastos historicos os factos brilhantes, que não precisamos encarecer porque elles estão no dominio publico.

E que lutas e que sacrificios não teve a vencer durante esse tempo, esta associação, que ainda hoje, no meio

de seus triumphos vê erguer-se ante si esse inimigo minaz, surdo e traiçoeiro, que, appellando á sentimentos religiosos, que sempre acatou o *Parthenon*, move contra elle uma propaganda odioza, como essa que acaba de iniciar o *Deutsches Volks-Blatt*, órgão ultramontano dirigido pelos Jesuitas de S. Leopoldo!

Ao entrar no duodecimo anno de existencia o *Parthenon Litterarið* interrompe seus hymnos festivos com as notas do clarim convocando á guerra.

Os barbaros! os barbaros! — foi outr'ora o brado de horror; hoje — *os Jesuitas!* será o nosso grito d'alarmá.

A luta!... Mas o que é a luta senão uma consequencia da vida?

Em quanto, porém, ella se não trava, em quanto o exercito negro da curia não se dirige contra nós, ergamos, mocidade, no recinto do *Parthenon* uma patriótica saudação á causa da civilisação e da liberdade.

## Discursos

pronunciados na sessão magna commemorativa do undecimo anniversario do *Parthenon Litterario*.\*)

*Commissão da 2ª aula do 1º districto d'esta capital. relatora a alumna D. Anna Saboia Viriato de Medeiros.*

Meus senhores, minhas senhoras.

Tambem eu, dignissimos socios do *Parthenon Litterario*, venho trazer-vos o beijo da fraternidade, o verbo da fé e o ramo d'oliveira, prenuncios das mais fagueiras esperanças.

E' a modesta aula publica, cujos sentimentos óra interpréto, quem aqui se apresenta: não vos traz pois, os arroubos de eloquencia fascinadora, nem a palavra illustrada do sabio, que encanecio curvado a meza do trabalho; mas é a infancia, a adolescencia, illuminada com as primeiras no-

\*) Com grande pezar deixamos de publicar, por nos não ter sido possível obtel-os, os discursos pronunciados pelos Illm. Srs. Alferes Therencio de Miranda, Quintino d'Azevedo Bandeira e Thimotheo Correa, relatores das comissões das sociedades *Dramatica União Militar*, e *Litteraria Gabrielense*.

ções da sciencia, que nas doces expansões de seu coração juvenil vem dizer-vos:

Obreiros da instrucção e do progresso, a vossa voz entuziasta achou échos em nossa alma: caminhae avante que, presurozas, vos seguiremos: desfraldae ás auras da instrucção o estandarte, que hontem nossas irmãs vos doarão: e nós vos entreteceremos corôas e vos esfolharemos ás plantas as odorantes petalas da flor da lorangeira e a baga vermelha do cafezeiro.

Onze vezes o planeta, que habitamos, percorreo completa a sua ecliptica: onze vezes enfloraceo e fructivou a pitangueira das mattas e o sabiá canôro annunciou em seus módulos a festiva primavera!

E, neste tempo, o que fizestes, valentes batalhadores, dizem-nos os factos que vos assignalão os triumphos.

Assentastes o marco da jornada, pregastes a instrucção, a liberdade e o trabalho, trindade sublime do progresso; congregastes elementos dispersos, actividades occultas, talentos embrionarios, animaste-os, desenvolveste-os, applicando-os a realizacão de um nobre ideal: extremastes o talento e a virtude, distinguindo-os com vossos preitos; entregastes á communhão social cincoenta brazileiros d'ella segregados pela aviltante condiçãõ do cãptiveiro; quebrastes com o indiano a flecha da paz, e de seu bello cocar arrancastes a penna para escrever a mais brilhante pagina da litteratura rio-grandense.

Que mais titulos careceis para o vosso eterno renome, para a gratidãõ da posteridade?

Acceitae, pois, illustres parthenonistas, das insontes creanças, alumnas da 2ª aula publica do 1º districto d'esta capital, as sinceras effusões de amor e gratidãõ, que nós vos dedicamos.

Bem sabeis que em nossa idade não médra a torpe lisonja: os sentimentos sôbem expontaneos do coração ao labio e disferem-se puros como os hymnos da creacão ao Creador.

Mais tarde, em porvir não longinquo nos vos traremos as primícias de nossos labores, então já brilhantes pelo estudo e pela razão, e trabalharemos para pagar-vos a immensa divida que comvosco contrahimos — quando arcando com arraigado e odiozo preconceito — collocastes a mulher á sombra de vossa glorioza bandeira e a vosso lado na

linha de batalha, acclamando-a como a origem e o sustentaculo de toda a organização social.

Por emquanto, desculpae a exiguidade de nossa offrenda, a nossa fraqueza e ouzadia, e consenti que entremeiemos as nossas ás vossas alegrias, e que vos estreitemos em filial amplexo.

*Commissão da 1ª aula publica do 1º districto desta capital, relator o alumno Antonio Joaquim Duarte Junior.*

Ilm. Snrs.

A 1ª aula publica do 1º districto d'esta capital vem tambem trazer os tributos de sua homenagem ao *Parthenon Litterario*.

Faltaria ella ao cumprimento de um grande e bello dever, ao mais nobre dos sentimentos, que extremeceem o coração humano — o patriotismo, se no dia em que celebraes a festa de vosso anniversario, que representa mais um novo triumpho em vossa existencia bemfazeja e santa — não acudisse presuroso a unir aos applauzos geraes os vótos de sincera gratidão.

A mocidade, que apenas se desenfaixa das vestes da infancia, sente-se acanhada na phraze titubante, ainda despidá' dos ouropeis, que abrihantão o stylo, e que devêra ser a linguagem condigna para saudar-vos, benemeritos obreiros da reconstrucção social; mas suppre a deficiencia da palavra com a sinceridade de suas affeições, com a espontaneidade de seus enthuziasmos e a pureza de suas crenças; e assim, simplesmente assim é que nós a queremos expandir.

Nós somos os filhos do povo, nós somos os representantes da classe menos favorecida da fortuna, aquelles por cuja causa pugnaes desde onze annos, e que por isso aprendemos a amar-vos com extremos, — a admirar em vossa solicitude, abnegação e patriotismo — o verdadeiro apostolado da humanidade e da civilisação.

Somos hoje as creanças, amanhã seremos os homens — que devem substituir-vos na vida publica, e por conseguinte os herdeiros de vossas glorias. O vosso nobre exemplo será continuado por nós, e assim a geração nova, que tão brillantemente preparaes — vem hoje dizer-vos:

Obreiros incansaveis do progresso, apostolos denodados

de uma nobre e santa missão. patriotas convencidos, nós, a mocidade do Rio Grande, illustre em teu renome, orgulhoza em teus louros, nós te victoriamos em todo o nosso enthuziasmo.

Salvé a illustre e benemerita associação *Parthenon Literario*.

*Commissão da Sociedade Typographica Rio-Grandense: relator o Illm. Sr. Candido Malater.*

Senhores.

A sociedade *Typographica Rio-Grandense*, representada no mais obscuro dos seus membros, saúda cheia de jubilo o *Parthenon* pelo seu undecimo anniversario

Desculpae se a phraze rude do representante d'aquella sociedade não exprime digna e convenientemente o voto sincero de congratulação, que ella vos dirige pelas glorias alcançadas em vossa brillante vida social.

O filho do trabalho não sabe entoar hymnos pompozos, que celebrem essas glorias, mas sente o ardente enthuziasmo que ellas despertão.

As grandes difficuldades, que o indifferentismo sóe oppôr á marcha dos soldados da idéa, não tolhem os passos do *Parthenon*.

Vence-as, porque sua legenda é — perseverar.

A dedicação provada d'essa mocidade esperançosa ás idéas do Evangelho social, — é a arma invencivel do combate; e será o mais bello trophéo da victoria.

A actualidade exige da geração nova todo o devotamento, porque um poder estranho tenta solevantar o cadaver do passado com o sen cortejo horripilante de idéas condeñnadas!

Vós, sois a guarda avançada dos grandes destinos da patria: — e quando a luz da verdade tornar transparente o véo, que envolve o seu maior inimigo — a ignorancia, — não permanecereis, sem duvida, méros contempladores de sua hediondez abominavel, não! Mas, retemperando as armas no fogo santo do patriotismo, dar-lhe-heis combate sem trégoas, até que illuminadas as frentes ao clarão da mais brillante victoria, depoziteis no altar da patria as armas do mais gloriozo dos combates!



Avante! mocidade! Quanto mais affanoso fôr o vosso esforço, mais esplendida será a vossa victoria!

*Commissão da Aula Nocturna Provincial: relator o Ilm. Sr. João Baptista Lopes.*

Meus Senhores.

O seculo actual é a arena das grandes e gloriozas conqnistas do espirito humano.

Cada dia, que decorre, assignala um triumpho no laboratorio das sciencias modernas.

Não se computão as nações pelo numero de seos generaes, sinão pelas listas de seus sabios; não se avalião os povos pelos combates, que ferem, destruindo cidades, disseminando exercitos, sinão pelas escolas, que levantão, pelas bibliothecas, que abrem, pela instrucção, que propagão.

E quando o espirito humano se empenha numa luta tão titanica, quão glorioza, é mister que a mocidade, empunhando as armas do talento, se colloque na vanguarda.

E vós, mocidade do *Parthenon*, que fostes a primeira a desfaldar nas virentes plagas do sul o estandarte de luz, se já tendes escripto brilliantes epopéas no correr de vossa existencia, se já gravastes no grande livro da historia patria vosso augusto nome pelas grandes conquistas da intelligencia; mereceis o mais encomiastico applauzo do observador patriota, que vos contempla na gigantesca romagem.

Sois um fóco de luz, não dos que offendem a vista pelo crepitar das chammas, mas dos que attrahem pela placidez de seu rebrilho, dos que aclarão até a densa escuridão do obscurantismo.

Cada anno que se escôa para vós é mais uma laurea, que colheis, mais uma gloria, que registraes.

E hoje que attingistes ao undecimo anniversario, o nosso coração de moço se expande, se enche de santo entusiasmo para trazer-vos sincera saudação.

Olhae nosso estandarte, lêde a nossa honroza legenda e vereis que somos operarios da instrucção e do trabalho; soldados tambem da nobre cauza da civilisação e progresso, e que vimos cheios de jubilos dizer-vos:

Salvé, *Parthenon Litterario*, pelos vossos immarcesciveis louros.

Salvé, mocidade rio-grandense, audaciosos athletas, cujo espirito se retempéra no cadinho do mais sauto patriotismo.

Vossas *Thermopylas* são a ignorancia, porém vosso exercito é nobre, vossos combates subliues, porque se esgrimão á sombra da bandeira da civilização.

Ide, mocidade, topetar a gloria, como os Andes topetão as nuvens; e quando vos fallecer o animo olhae para os rochedos, que se erguem imperterritos arcando com as tempestades.

Sede forte como elles, porque como elles se erguem sobranceiros, assim vós vos erguereis na gratidão nacional.

*Discurso proferido pela Ex<sup>na</sup> Snr<sup>a</sup> D. Luciana de Abréo, socia effectiva do Parthenon Litterario.*

Meus Senhores.

Refere o Evangelho que, um dia, estando Jezus no templo, reparou no gasophilacio, onde deitavão os vizitantes esmolas avultadas. Veio depois uma triste viuva, que apenas deitou dous réis. „Esta, disse o Divino Mestre, dêo mais que todos; porque os outros derão o superfluo, e ella, sendo pobre, dêo tudo quanto tinha.“

Neste dia, meus senhores, sou eu a pobre viuva do Evangelho: mesquinha de talentos, escassa de illustração, mas rica de boa vontade, soberba de affectos e dedicação por nossa querida patria e pela nobre sociedade, cujo undecimo anniversario vimos hoje solemnisar.

E não estranheis que confunda em um só culto a terra de meu berço e o *Parthenon Litterario*, seu filho mais dilecto. Mãe e filho são dous seres, que se completão, que se aviventão e unem na mais intima expansão. Louvar ao filho é pois honrar a mãe; saudar a mãe é corôar de jubilos o coração filial.

Mais que nunca sinto neste momento me faltem os dotes oratorios de um Mont' Alverne, o Bossuet do pulpito brasileiro, para pintar-vos o quadro entristecido de nossa litteratura ao tempo em que nasceo o *Parthenon*.

Da imprensa litteraria se havião perdido os ultimos échos abafados pelo som da tuba marcial. Já ha muito o mimozo *Guahyba*, onde navegarão alterozos João Caspitrano, Felix da Cunha e tantos outros, tinha seccado as suas lympidas agoas; mais tarde o *Diogenes* tinha apagado a sua lanterna;

o *Estudante* depunha os livros sobre as áras do hymineo; o *Artista* despira a bluzo do operario para envergar a farda honroza do cidadão-soldado; e os *Murmurios do Guahyba* calavão de chofre seus poéticos sussurros ante a sphyngé da politica, monstroza voragem, para onde deslisou, e precipitou-se sua trépida e patriotica corrente.

Tribuna litteraria? Não a havia. Existia apenas a tribuna politico-partidaria, a d'hontem como a de hoje, arena de combates pessoaes, eterno escólho dos bons talentos e das reputações immaculadas. E, porque o não direi?... invertendo por uma cruel antithese o seu papel gloriozo, em vez de Capitolio, onde se exalte e nobilite a patria pela defeza de seus direitos e pela sabedoria de suas leis, nefanda rocha Tarpeia, d'onde se abatem e se despenhão seus filhos mais illustres em luta inglória e só rica de egoismo.

Pois foi nesta quadra calamitoza que surgiu o *Parthenon*; que a idéa tomou fórma: que os novos campeões atirarão á liça o seu programma, unguido de fé, sagrado de enthusiasmo, e que devia despertar desde o sorriso lisongeiro da esperança até a contracção nervoza do riso alvar da ignorancia.

A litteratura, disserão elles, é o mais imperecível monumento, que se póde levantar á um povo, á um seculo, á um heróe. Que é do templo faustozo de Salomão, dos jardins e muralhas da famosa Babylonia? Onde pairão as cinzas do templo soberbo de Jupiter Olympico e de sua propria estatua, cujo preço felicitaria mil familias proletarias?

Tudo desapareceo da face da terra; só resta a idéa, a tradição, o livro das passadas gerações.

O Genesis, creação maravilhoza, que revela a antiguidade do homem e o genio de Moyzês, o Deuteronomio, baze indubitavel do direito moderno, emfim a litteratura hebraica tão rica de primores, desde os psalmos harmoniozos do rei penitente até a singela historia do pobre Job. Resta a litteratura egypcia, que nos conta as suas maravilhozas descobertas mathematicas e astronomicas, e tão maravilhozas, que pouco mais sabemos que os mestres de Alexandria; vive o Alcorão, o Evangelho do Oriente, pyramide eterna ao grande homem, que se chamou Mahomet. Na Europa, Homero e Xenophonte, Platão e Aristóteles salvão a Grecia do olvido; Cicero e Virgilio, Plinío e Tito Livio sentão a Roma antiga no mais amplo pedestal; a Italia mais vive em Dante

e Petrarca, que nas lutas sanguíneas de Guelfos e Gibelinos, de corôas e de thiaras: a França, a immortal França, inda que a industria bellica inventasse os mais pavorozos instrumentos de destruição, será sempre a França de Rousseau e Montesquieu, de Hugo e de Lamartine: a Inglaterra é mais forte em Byron e Shakespeare que no poder de suas esquadras: a Allemanha mais brilha em Schiller e Humboldt, que nos heróes de Sedan: Portugal, o pygmeo-gigante, repouza á sombra dos louros, que Camões immortalizou, e na sua senilidade apresenta ao mundo Herculano, Castilho e Garret, que valem, se não excedem, os Gamas, Castros e Albuquerque de sua juventude.

O Brazil, a perola mais precioza da America, não deve pois ficar atraz. Sigamos as pégadas de Alencar, S. Carlos, Gonçalves Dias e teremos farta messe de palmas e capellas.

E agora, mocidade rio-grandense, que o *Parthenon* atravessou incólume a quadra perigoza da infancia e vive a mais robusta adolescencia, não 'mancheis os labios apenas avelludados pelo tenue buço da pubescencia na taça envenenada dos prazeres matériaes, que gastão o corpo e corrompem o espirito; que envelhecem a alma, antes que a fronte embranqueça; olhae á muza da historia e á deoza da poesia, que vos abrem os niveos braços e alçã o vôo para conduzir-vos ao templo da immortalidade; acolhei-vos á sombra do *Parthenon*, honrae sua tribuna, escrevei a sua revista, frequentae a sua bibliotheca e estudae em seu muzeo. O sabor desses prazeres não vos ha de amargar nunca: ao contrario, dourará fulgente o nome que vossos filhos uzaráõ.

E vós, senhoras brazileiras, que reunis á belleza plastica uma vasta intelligencia e um terno coração, não quereis que pulse elle ao amor das lettras e da gloria nacional?

Hontem, proscriptas da sciencia, e consideradas apenas méros ornatos dos salões, dêo-vos o *Parthenon* um lugar de honra no banquete do progresso. Hoje, que a voz authorizada de um Andrada se elevou no parlamento nacional em pról de vossos fóros, estreae no *Parthenon* o uzo de vossos direitos.

Não ouvis que elle vos chama?

Traduzi a sua voz, que vos falla no esplendor de suas salas, na harmonia de sua orchestra, no perfume d'estas flôres, e vos diz:

Vós sois jovens e cheias de enthuziasmo, o vaso da

vida só vos offerece orgulho os pomos dourados da esperança. Porque não vireis, novas Corinas, disputar aos modernos Pindaros a gloria nos certamens litterarios?

Sois puras? Pois aqui tem altares a virtude. Sois modestas? Imitae a assucena, que não occulta seus aromas; acercae-vos do estandarte, que ali brilha magestoso, decifrae na sua lyra um doce aceno das muzas, no seu livro, a instrucção que vos promette, na penna, o galardão que a historia guarda aos obreiros do progresso.

Senhores e senhoras, conheço que hei por demais uzado e abuzado de vossa indulgencia. Eu termino, pois, conscia da debilidade de minhas luzes, mas satisfeita de haver cumprido um dever.

O dia dezoito de Junho não é mais a simples data anniversaria de uma distincta sociedade; é, sim, uma data nacional; e quando um dia a geração vindoura escrever a historia litteraria do Rio Grande, o *Parthenon*, se não der a sua pagina mais brilhante, dará por certo a mais rica de amor e patriotismo, de esforços e dedicação pelas lettras nacionaes.

Salvé! pelos trabalhos passados, pelas glorias do presente, pelos louros do futuro, salvé, *Parthenon*.

Tres vezes salvé!

---

*Discurso proferido pela Ex<sup>ma</sup> Sr<sup>a</sup> D. Luiza d'Azambuja, socia effectiva do Parthenon Litterario.*

Salvé, *Parthenon Litterario!*

Mocidade illustre, votada á cauza sublime do progresso, da civilização e da liberdade, denodados athletas do porvir, salvé, tres vezes salvé.

Se a data, que assignala nos fastos da historia de um povo — o dia, em que nos campos de batalha alcançou esplendida victoria, é um dia de festa nacional, aquelle, que rememora o triumpho incruento da luta da idéa, é um dia de festa para a humanidade.

Não foi ao troar dos canhões, ao retinir das armas, entre as nuvens de fumo e fogo, nas ondas candentes de sangue, entre a dolorosa orchestra dos gemidos e lagrimas, que marchastes á conquista dos louros, que vos exornão a frente, não; — a arena de vossos combates foi menos rui-

doza, foi menos brilhante talvez, — mas nem por isso os vossos triumphos forão, em onze annos de luta pugnaz e tremenda, menos esplendidos e perduraveis.

A sciencia e a liberdade tem tambem seus heróes e seus martyres; e seus feitos projectão mais gloria no plano immenso da historia da humanidade, do que a espada victoriosa dos Alexandres, dos Cezares e dos Napoleões.

Vão longe os tempos, em que a proeminencia das armas symbolizava a gloria das nações: o direito da força, cede o passo a força do direito; e ao seculo XIX, filho da mais pavorosa hecatombe, que memóra a historia. — repugna o heróe, que se acclama e ergue-se sobre as ruinas e os cadaveres de um povo vencido.

A humanidade não póde applaudir-se em taes triumphos, porque elles sangrão-lhe o coração!

O inimigo á vencer — não é mais o que extrema a fronteira de um povo com outro.

O inimigo, que o espirito do seculo se empenha por debellar e vencer, é aquelle que nos asphixia em seus cem braços, — é a ignorancia, a superstição e o despotismo; — é a tyrannia, quer ella se apresente na fórma do governo, ou dos privilegios, quer se nos impónha ao espirito ou á consciencia.

E a estes foi que offerecestes batalha, e a estes foi que vencestes!

Fostes apóstolos e simultaneamente heróes!

Debellando a ignorancia, destruindo os preconceitos, affrontando a indiferença e o egoismo déstes a prova, a mais brilhante, de vossa calma bravura; mas partindo os ferros aos captivos, que amaldiçoavão a terra, em que nascerão — e que lhes não era patria, tornando-os cidadãos. . . mas destruindo os preconceitos sociaes, que negavão á mulher o seu posto de honra na cruzada da civilização — fostes sublimes de abnegação, de talento e patriotismo.

Illuminando o espirito e libertando a consciencia — remistes os captivos, protegestes os desherdados da fortuna, — déstes aos ignorantes a escola e a bibliotheca!

Propagandista — bateste-vos denodadamente pelos direitos conculcados, — fundando uma tribuna illustre e uma imprensa doutrinaria, moral e proficua.

Salvé, pois, obreiros incançaveis do progresso material

e do engrandecimento moral da patria, d'esta patria tão estremecida, tão grande, tão nobre, tão fadada por Deos!

Fazem hoje onze annos, que vossa existencia se assignala por uma série brilhante e ininterrupta de grandiozas acções, de brilhantes feitos e de sublimes incentivos! . . . . Permitti, pois, que a mais fraca, que a mais obscura de vossas enthuziastas, — venha neste momento tão solemne, em que parece que o céu vos cobre de benções e a terra de oblações erguer a voz, ainda debil, mas exprimindo os mais intimos sentimentos de sua alma, para juntal-a ás acclamações, para repetir como um écho, que se extingue na immensidão dos espaços:

Salvé, filhos dilectos do Rio Grande do Sul, a quem tanto engrandeceis!

Salvé, heroicos apóstolos da liberdade e da civilização!

Salvé — por tudo quanto tendes feito de grande e de sublime, de abnegação, de amor, e de heroismo . . . . — por teus triumphos pugnados . . . . — por tuas conquistas e esperanças de futuro . . . . — por tudo quanto merecestes da patria . . . . — pela gratidão dos opprimidos e dos ignorantes. á quem arrancastes das trévas e do captiveiro, como a outros arrancastes as garras do fanatismo. . . .

Salvé, *Parthenon Litterario!*

*Discurso proferido pelo Illm. Sr. Affonso Henrique de Oliveira Duarte, socio effectivo do Parthenon Litterario.*

O mundo progride; a civilização caminhà; as letras patrias tomão novo e vigoroso impulso; a mocidade não descança e a indifferença pelo que ha de nobre e sublime ainda não paralysou a seiva do enthuziasmo no coração dos verdadeiros patriotas. Quem isto vos diz, não é o incompetente orador que, substituindo a outros, na impossibilidade d'elles, occupa, immérito, esta illustre tribuna, no cumprimento de um dever, mas o vosso concurso, minhas senhoras, a vossa presença, meus senhores, exaltando as pompas da festa com que uma mocidade grande por seu passado, nobre pelo seu presente e cheia de fé por seu futuro, commemora mais um anno de sua existencia.

O mez de Junho assignala para o Brazil duas épochas de glorias; aquella que immortalizou-se pelo troar dos ca-

nhões, pelo sibilo das ballas, pelo sangue de seus heroicos soldados e marinheiros, que em Riachuelo, no redemoinho das ondas sossobrarão com seus navios, ou se cobrirão de glorias com o pavilhão auri-verde; aquella em que a surpresa e a abordagem aos navios de nossa esquadra, veio registrar nos fastos da historia o mais brilhante feito naval de que foi testemunha a America do Sul; a outra, é a data em que uma cohorte de moços avançando ao futuro, erguerão o estandarte da revolta, da revolta a mais santa e civilizadora, porque não recorrerão á effusão de sangue, mas ao transbordamento da luz; heróes que não brandião o ferro, que destróe, mas o livro que regenera, que não ruião os thronos, mas que edificavão a consciencia dos direitos da cidadania no coração do povo, que não escallavão muralhas seteiradas, mas invadião os sombrios antros da escravidão e quebravão os élos das cadeias do captiveiro a mais de cincoenta infelizes, hoje livres, como livres são os indigenas d'esta vasta região, que, estendendo-se de um polo á outro, parece ter sida talhada por Deos e entregue a Colombo para ser o ninho da liberdade, a metropole da moderna civilização.

Bem glorioza tem sido a missão do *Parthenon*. forão seus soldados que correrão ao tumulo de nossos paes, arrancarão o sudario que os cobria, e fizerão d'elle o estandarte, que lhes servisse de deviza, como a cruz foi o signal alçado pelas hostes dos cruzadas.

Forão elles os primeiros que libertarão escravos, crearáo uma bibliotheca e uma escola nocturna, estabelecerão um muzeo e uma imprensa, e fundarão a tribuna, que se nobilitou com a mulher, que dahi pugnou pelos seus direitos perante a sociedade.

Em todas as épochas a força da intelligencia tem suplantado a força bruta; se aquella immortalizou os heróes na *guerra dos cem annos*, esta eternizou os seculos dos Pericles, dos Franciscos I., dos Medicis e de Luiz XIV. Se Esparta foi a encarnação do heroismo, Athenas foi uma constellação de glorias engastada no céu luminoso da Grecia; se Alexandre foi a conquista da força, Demosthenes foi a conquista do direito.

A idade média teve por origem e symbolo a glava dos vandalos, que como abutres dilacerarão o cadaver do grande Imperio, que dictara leis ao mundo; a idade moderna tem



como ideal a *Verdade*, que a mão do tempo jámais apagará das paginas da historia da humanidade.

Exulta! Rio Grande do Sul, berço de tantos martyres que na ultima cruzada contra a barbaria e o despotismo tombarão gloriozamente no campo da honra, para reviverem na historia; filha dilecta da liberdade, baluarte invencivel da honra nacional, por tudo quanto tens de grande e esplendido, pela lealdade e bravura do gaúcho de teus pampas, pela uberdade de teu solo, pela benignidade de teu clima, pelo heroismo de teus filhos, pela abnegação de teus martyres, pelas bençãos da patria e pelas esperanças da posteridade, exulta altiva, heroína do Sul, no dia em que esta mocidade retempéra as forças para de novo proseguir a romagem, que a conduz ao futuro.

E vós, minhas senhoras, continueae a dispensar á esta mocidade esta amistoza differença, este brilhante concurso e sympathia tão do coração, que o alentão e de que tanto carece, pois de vós, só de vós, depende uma grande parte de seu futuro.

Orgão do *Parthenon Litterario*, cumpro um grato dever formulando d'esta tribuna um protesto de sincero reconhecimento ás associações co-irmãs, que por suas distinctas commissões, aqui se fizerão representar, bem como aos illustres cavalheiros e distinctissimas senhoras, que honrandonos com sua presença, tanto realce e brillantismo derão á festa litteraria, que vimos de celebrar.

---

## Poesias

recitadas na sessão magna commemorativa do undecimo anniversario do  
**Parthenon Litterario.**

---

### PARTHENON LITTERARIO.

Eis o sublime combate  
Das lutas do pensamento;  
Nas expansões do debate  
Brilha a luz do entendimento.  
D'um lado — o vulto da Gloria  
Sustêm o livro da Historia.

Fita o largo da amplidão . . . .  
Do outro — a Fama, pujante,  
Aponta Camões e Dante,  
Petrarcha e Napoleão!

E n'essa luta fremente  
Passa uma idéa de luz. . . .  
— Como no cranco do crente  
Perpassa a lenda da Cruz. —  
Quaes os antigos ascetas,  
Esses modernos prophetas  
Têm uma crença, um só fim. . . .  
Descrever em aureo traço  
Quem foi Shakespeare e Tasso,  
Lamartine e Franklim.

Porém, quem são os heróes,  
Que marchão com pé seguro,  
A' luz fulgente dos sóes  
Em demanda do futuro?  
Serão — a phalange altiva  
Que sente a sentelha viva  
Da lava da inspiração? . . .  
Heróes da grande officina  
Do livro — o sol, que illumina  
As fronte da multidão? . . .

São os preclaros talentos  
Do agigantado Brazil,  
Que n'uns escassos momentos  
Colhem applauzos aos mil!  
Sectarios da nova idéa,  
Vão descrever a epopéa  
Da philozophia real;  
Calcando aos pés o regresso  
Seguem á luz do progresso,  
Sua missão divinal.

São elles que ao mundo, em pasmo,  
Vão desvendar o Porvir,  
Na febre do enthusiasmo  
Que desperta o progredir.

E' a mocidade inspirada  
 Que fórma a grande cruzada  
 Do pujante *Parthenon*:  
 São os romeiros da gloria  
 Que vão gravar sua historia  
 Nas áras do Pantheon.

18 de Junho de 1879.

*Azevedo Junior.*

## A' IMPRENSA.\*)

### I.

Sobre o mar espumante das idéas,  
 A' luz do grande sol da liberdade,  
 Um astro rutilou!  
 O pensamento espedaçou cadeias,  
 Livre como o condor na immensidade,  
 A Deos se remontou!

Surgio a imprensa, a luz vivificante  
 Que d'Allemanha deslumbrando os póvos,  
 Mostrou-nos o porvir!  
 Foi Guttenberg o colossal Atlante  
 A sustentar um céo d'inventos novos:  
 O céo do progredir!

A' luz das forjas, ao labôr constante  
 De ouzados e valentes operarios,  
 Sublimes como heróes,  
 A industria, a arte caminhou pujante,  
 Mostrando ao mundo nos inventos varios.  
 Constellações de sóes!

### II.

De sabios levantarão-se as phalanges,  
 Que sem brandir de gladios, nem d'alfanges,  
 Ao mundo derão leis!

Recitada por Acácio Telles da Rocha, alumno da 1ª aula pu-  
 blica do 1º districto d'esta capital.

*Nota da Redacção.*

Contra os erros na esplendida revolta  
 Franklin, Galileo, Daguerre, Volta,  
 Forão mais do que reis!

Filhos do povo, democratas bravos,  
 Quebrarão prestes os grilhões d'escravos,  
 Calcarão-n'os aos pés!  
 A conduzir o mundo pela estrada  
 Do saber, da sciencia sublimada,  
 Forão novos Moyzés!

Talentos circumdados pela gloria  
 Inscreverão nas paginas da historia  
 Os nomes immortaes;  
 Emquanto que Colombo, o sabio crente,  
 Arrojando-se aos mares do occidente,  
 Achava um mundo mais!

Tingirão-se de azul os horizontes!  
 Vestirão-se de gala prados, montes,  
 Ao rózeo alvorecer!  
 As ondas bramidoras como féras  
 Gernerão sob a quilha das galéras  
 Que ás Indias forão ter!

III.

Como as lavas candentes do Vezuvio,  
 Que saltão coruscantes nos espaços  
 E aos céos parecem ir,  
 Assim de idéas livres um diluvio  
 Segue da Imprensa os luminosos passos,  
 Caminho do porvir!

Morse transmite o pensamento humano,  
 Nas pandas azas da electricidade  
 Pasmando as multidões!  
 Schwarz, pensador e sabio monge,  
 Da pobre cella ensina á humanidade  
 A construir volcões!

„Guerra aos castellos! Paz para as cabanas!“  
Foi a legenda escripta no estandarte  
    Que o povo levantou!  
Idéas varonís, republicanas,  
Espadanarão luz por toda parte!  
    Nova auróra raiou!

Nos antigos e fortes baluartes,  
Nas ameias da grande cidadella  
    — O feudalismo atroz —  
Tremularão brilhantes estandartes  
Da razão, que é a luz fulgente e bella  
    A reflectir-se em nós!

Do progresso aos audazes movimentos,  
Cobrirão-se de flores os caminhos,  
    O sol resplandecêo!  
Derrocarão-se os velhos monumentos,  
E amortalhado em fôfos pergaminhos,  
    O autocrata morrêo!

Alavanca motora do progresso!  
Salvé, producto de subido engenho,  
    Emissaria da luz!  
Embora o genio que te dêo ingresso,  
Morresse como Christo sobre o lenho  
    D'uma infamante cruz!

Se outr'ora os desvalídos da fortuna  
Não gozavão de santas liberdades,  
    Oppressos pelas leis,  
Tu és agora a popular tribuna  
D'onde labios plebêos soltão verdades  
    Que estremecem os reis!

Tu descerras as portas da sciencia!  
No livro, no jornal, prégas idéas  
    De futuro ás nações!

E decantas com magica eloquencia  
Os feitos dos heróes nas epopeias  
Dos Miltons e Camões!

Salvé, salvé, phanal, dos povos guia!  
Tu que desferes luminoso rastro  
Por entre os escarcéos,  
Tu és o sol brilhante que irradia  
Sobre a face dos povos como um astro  
Desprendido dos céos!

*Damasceno Vieira.*

## NORTE E SUL.

(Ao meu amigo Frederico Sattamini.)

Lá no brazeiro do Norte  
Corre indômito o Amazonas . . . .  
Cortando cálidas zonas  
N'oceano vai parar.  
E altivas cordilheiras,  
Essas móles de granito,  
Erguendo-se ao infinito,  
Querem as nuvens tocar.

Ruge na matta frondoza,  
N'um leito, que é todo prata,  
A medonha cataracta  
Em continuos borbotões;  
As palmeiras verdejantes,  
Em fileiras alinhadas,  
Trazem as frentes crôadas  
De deslumbrantes festões.

E restos de bravas tribus  
Vagueião pelas florestas,  
Dormindo nas quentes sestas  
A' sombra do taquaral.

Salta o jaguar no deserto,  
No mar se espelha o rochedo,  
E o sol em doce conchêgo  
Beija a terra tropical.

Salve, terra magestoza!  
Berço de Tapuya gente,  
Onde o Tupy imponente  
Descansava o maracá.  
Salve, illustres brazileiros,  
Que rompendo mil cadeias,  
Deixastes livres, sem peias,  
Terras de Tupynambás.

Porém silencio! Outro ponto  
Se levantou nas espheras,  
E ao sol das priscas éras  
Rutilante se mostrou;  
E correo tão presurozo  
Que transpoz a immensidade —  
E no bradar — liberdade! —  
A tyrannia tombou.

Aqui neste ponto augusto  
Berço de altivos Charruas  
Galópa d'espadas núas  
O *gaúcho* em seu corssel;  
Como sentinella altiva  
Fechando as raias o Prata,  
O Uruguay se desata  
Como um élo d'esse annel.

D'outro lado o mar braveja  
Lambendo a lymvida areia,  
Que a luz da lua prateia  
No seu doce rebrilhar;  
No centro lagos immensos,  
Inconcussas penedías,  
E tão vastas serranias  
Que até ao céo vão parar.

E depois essas cochilhas,  
Vastas, infindas planuras,  
Onde dantescas figuras  
Destacão-se a batalhar!  
E cada arroio, que corre,  
Cada arbusto, que se agita,  
Tem uma legenda escripta,  
Tem victorias a contar!

E por cima um céu sereno,  
Estrellas divas, brilhantes,  
Refulgem quaes diamantes  
Em téla de fino azul;  
E suspenso nas alturas  
Magestozo lampadario  
Alumia este scenario,  
Rico Cruzeiro do Sul.

A natureza do Norte  
Luxuriante, formosa,  
Banha as plantas, caprichoza;  
Nas lindas plagas do Sul  
Uma geração de bravos,  
Filhos de illustres guerreiros,  
São da patria, quaes luzeiros  
Gravados em pleno azul.

O Norte conta as legendas,  
Essas guerras estupendas  
De seos passados avós;  
E Vieira e Camarão  
Titaneos vultos guerreiros  
Disputão o dominio atroz  
A' damninhos forasteiros,  
Que mercávão a nação.

O Sul estende seu mappa . . .  
Cada curva é uma epopeia,  
Cada conquista uma ideia,  
Que se ergue senhoril!



Saltão vultos gigantescos.  
E Tiradentes, Andradas  
Rasgão floridas estradas  
Para a gloria do Brazil.

Caminhando mais abaixo  
Aonde ruge o pampeiro,  
Vereis que o sol brasileiro  
Jámais deixou de brilhar;  
Andrade Neves, Ozorio  
São legendarios, tão grandes,  
Que sôbem alto, quaes Andes,  
E vão á gloria topar.

Salve! paiz magestoso,  
Que rólas na immensidade!  
Oh! ninho casto e formoso  
Da mais santa liberdade!  
Salve o Sul! e salve o Norte!  
Salve terras de Cabral!  
E o povo que s'ergue forte  
E não teme o vendaval!...  
Se ha um Deos nas alturas,  
Que traçou-te este perfil,  
Teu porvir será bem nobre,  
Tu serás grande, Brazil!

*Augusto Totta.*

## Educação moral.

Dizia Agesiláo, que deve ensinar-se á creança como ella hade proceder quando homem.

Este sabio conceito do eminente moralista legitima a necessidade imprescindivel de livros para as escolas primarias, que não só mostrem ao educando o mal, que é preciso evitar, como exemplifiquem o bem, que deve ser seguido, para que quando homem, intervindo nos negocios publicos, e exercendo sua actividade nos particulares, proceda sempre de maneira a conquistar o respeito e estima de seus concidadãos, como a approvação de si proprio, que é a recompensa mais agradavel, que se póde ter na vida.

E' couza bem sabida que a memoria infantil é de uma força admiravel; e que uma vez n'ella gravado qualquer pensamento, nem a velhice, que enfraquece o corpo e atrophia as faculdades do intellecto, tem o poder de obliteral-o.

Sendo pois assim, sém duvida nenhuma seráõ de subido valor as lições de boa moral, que o preceptor da mocidade incuta no animo do discipulo.

Se é util que o adolescente aprenda a ler, escrever e contar; é mais que util, porque é de rigorosa precisão, que saiba elle ter amor ao trabalho e economia, aferro ao dever, gosto pelo justo e honesto, como tambem aversão e horror a tudo quanto é mal; e, se as primeiras noções de que fallamos nunca esquecem, igualmente não seráõ olvidadas as segundas, resultando d'esse consorcio a garantia da felicidade relativa, que desfructão os bons no mundo.

A instrucção dá os conhecimentos necessarios para dirigir a vida pelo caminho, que conduz á realização do destino da creatura na terra; a educação é a disciplina

dos sentimentos, e fórma o coração e o caracter, os dous melhores agentes para a dignificação da mesma creatura.

Todos os códigos do universo assentão a sua baze nos principios santos da moral: é porque a sociedade não pôde existir dignamente sem que seja uma verdade a pratica n'ella d'esses preceitos sublimes geralmente acceitos: deve portanto merecer desvelado cuidado o ensino moralizador da infancia, pois esta é a mocidade de amanhã, e o futuro membro da sociedade vindourá.

Já Alexandre Herculano, um dos mais sabios pensadores modernos, disse em uma sentença, que escreveu no livro de uma instituição consagrada ás lettras: „O que trabalhar pela educação da mocidade, será no futuro considerado o salvador da patria.“

E' que elle, como tantos philantropos, entendeo que a instrucção só por si não basta para fazer a felicidade de um povo. O bom cidadão sahe do lar moralizado, mas é nas mãos do mestre, intelligente e honesto que se lhe aperfeiçôa o sentimento. A creança, que cresce e vive, á lei da natureza, que nem ao menos recebe a instrucção moral, converte-se n'um perverso, para mal seu e da sociedade.

Esse abandono na educação é a unica cauza de avultarem os máos no mundo, e rarearem os bons, com detrimento da cauza de todos, que é a cauza publica.

Educação e ensino deve pois ser a diviza, dos que querem o paiz occupando o lugar a que tem direito por sua grandeza territorial e pelos valiozos elementos, que germinão em seu seio. A corrupção, que lavra intensa e perniciosamente, não diminuirá sem a reforma dos costumes beneficemente intentada pela educação moral da nova geração.

Falla-se na reforma eleitoral, como o salvatorio do paiz... que venha para melhorar o nosso systema representativo. Desenganem-se porém os crentes de que ella só venha diminuir nossos males. O vicio está inoculado no organismo brasileiro — no descaramento da educação.

Não está longe o tempo do desengano; e então conhecer-se-ha que o antidoto para a lepra, que se estende pelo corpo social, só se achará na reforma do systema do ensino.

De que servem boas leis para cidadãos, que não conhecem seus deveres e nem os seus direitos?

Forme-se o cidadão moralizado e esclarecido, e abundará os cooperadores para o engrandecimento e bem estar publicos; não serão as posições privilegio de uma classe, e a virtude não será um estorvo para a elevação de mérito.

**Geraldo de Farias Corrêa.**

---

## Ave-Marias.

Se ainda não vistes, leitora, terás ao menos lido as pompozias descripções, que autores, mais ou menos veridicos, têm feito dos formozos portos de Constantinopla e Napoles.

Aquella mirando nas aguas do Bosphoro as suas muralhas e os seus señrallhos, o seu arsenal e o seu castello das Sete Torres, os seus kioscos e as suas cazas de campo.

Este alongando-se de um lado até Portici e do outro até Nisida, tendo no fundo o monte Sant' Elmo, a cujos ilhaes se encosta a cidade com as suas trezentas igrejas, o *Castel Nuovo* e o *del Carmine*, as *villas* e os palacios, tudo a espelhar-se no golpho, que tambem retrata o imponente Vezuvio.

Mais de uma vez terás ficado momentos perdidos a contemplar com os olhos do espirito essas bellezas e maravilhas, exclamando em extasis: — Como são lindas!...

E, ao passo que assim te enlevas n'essas bellezas descriptas passarás descuidoza por maravilhas iguaes, que nada têm a invejar as antigas Bizancio e Parthenope, salvo suas obras de arte.

Se ao romper d'alva, ou ao decahir do sol, subires ao vizo da montanha, em que está edificada a nossa Porto Alegre, e lançares a vista para os lados do *Crystal*, verás que te não minto.

O nosso Guahyba estende-se grandiozo qual *longo manto azul mosqueado de ouro*; e como são grandiozas essas margens, que elle banha e esse céu que o cobre!

Vê como é rizonha essa margem grandioza em sua curva, secia e garrida com a luxuriante vegetação, que a

guarnece quasi sem arte. . . . Repara em tudo, e dize-me, se ha belleza estranha, que lhe ganhe? . . .

Sentado uma tarde d'estas, ás *ave-marias*, em um dos pontos elevados da cidade, fazendo essas reflexões, que ahi ficão, veio-me á idéa uma historia. muito simples e muito vulgar, que te vou contar.

Ouve, leitora :

D'aqui, d'este ponto, em que me acho, e olhando para os lados do *Crystal*, póde-se ver ainda uma cazinha de modesta apparencia, que se infleira no renque das outras, que, lá em baixo, ao sob-pé da montanha, demóra péto do lugar onde ha tempos existio a ponte do Riacho.

N'essa cazinha vivia, ha annos, uma pobre mulher, viuva de um official, que fez parte d'aquelles que, em 1822, conglobando-se em um só corpo, disserão tambem ao mundo — por uma só bôca: — Somos uma nação!

Céga e quasi paralytica, era toda a riqueza da pobre mulher um soldo ridiculo, o com que o paiz escassamente paga o pão da viuva do bravo, que a elle se votára, e uma linda filha de 20 a 22 annos de idade, que preenchia todos os cargos domesticos internos da casa, aproveitando para isso os breves instantes, que podia dispensar da costura, á que dedicava dias e serões para poder ajudar a parca despesa da familia.

Ritinha — (chamemos-lhe assim) — era a alegria, não só da sua habitação, como de sua vizinhança. Ou fosse ao arrumar da caza, ou fosse sentada á costura, a travessa moça cantava modinhas e lundús, arrojando-se a trilos e volatas que *era um pasmo ouvil-a*, segundo a phrase de um velho, antigo camarada do fallecido official, que tinha a devoção de todas as noites ir dormir á caza da viuva, atravessado na porta, que dava da sala para a rua.

Havia só uma hora no dia, em que a moça descansava do seu continuo mourejar. Era ao pôr do sol. A essa hora ia ella arrumar a cozinha e a louça do jantar, e depois, em quanto sua mãe rezava a Saudação Angelica, Ritinha esperava á janella que ficasse bem escura a noite para principiar o serão.

Ritinha era uma guapa moça. Havia em suas feições e corporatura um mixto tão feliz de raça européa e indigena, que de ambas lhe corria o sangue nas veias, que dir-se-hia

que a natureza se approve em apurar o que havia de melhor nas duas para dotar aquellã creatura.

E, cazo raro, até ao ponto da nossa narrativa, e n'aquella idade, não tinha ainda deixado de cantar!

Como podia ter passado ignorada tão gentil donzella, sem que um palpar mais forte do coração não lhe tivesse alguma vez sopitado a voz e o rizo e embaciado o lume dos olhos?

Quem póde dizer a razão?

Não tinha chegado a hora.

E entretanto tinha a pobre rapariga dous inimigos bem grandes contra si — a *pobreza* e a *formozura*.

Então, como hoje, como ha cinco mil annos havia, e d'aquí a outros cinco mil ainda ha de haver; existia tambem n'aquelle tempo quem scubesse requestar moças pobres e bonitas para as levar de roldão, por precipicios cobertos de flôres, até darem com ellas n'um inferno, que ha n'este mundo — chamado prostituição, desgraça e miseria. Mas em fim, para bem da nossa Ritinha, até áquella hora, não lhe tinha apparecido nenhum d'esses demonios tentadores, ou porque ella os não attendesse, ou porque lhes era difficil o accesso até ella.

A pobre da velha mãe era cêga e quasi paralytica, como já dissemos; como guarda activa da filha era quasi impotente; procurava pois acastellal-a com bons conselhos, e pedia á Deos que lh'os fructificasse n'aquella alma, não a levando d'este mundo sem ver a filha anuparada.

Até a época, em que tomamos esta narrativa, assim ia succedendo, sem que nada empanasse aquella existencia pobre de meios, mas rica de saúde, de gentileza e de alegria.

De repente, porém, Ritinha deixou de gargantear tanto como d'antes; tinha longas interrupções; e n'essas interrupções scismava e distrahia-se do trabalho.

A's vezes a pobre cêga, preocupada por aquelle silencio, perguntava-lhe: -- Que tens, filha, que já não cantas?

— Nada, mamãe . . . é que já vou cansando de tanto me esguellar. . . .

Mas essas perguntas da mãe a-fazião voltar a si e de novo soltava a voz, não com una modinha engraçada, porém com alguma de toada triste, e letra ainda mais triste.

As vezes, ás horas em que a moça costumava ficar á janella esperando a noute, demorava-se mais, e a velha a ouvia murmurar palavras em voz baixa. Suspendia a reza e perguntava-lhe: — O que estás dizendo, filha?

— Nada, respondia, estava recordando umas orações. Porém, a explicação era outra.

Havia já algum tempo que um moço bem apessoado, pertencente á uma familia sufficientemente remediada, passava nas suas horas de ocio por aquelle bairro do Riacho, por cauza de Ritinha, a quem depois de uma vez ter visto, procurou muitas vezes ver. D'esse passar continuo resultou conhecer o moço — que lhe não era indifferente; e d'ahi seguio-se a conhecidissima historia, com todos os conhecidissimos capitulos de taes historias. Apoz o olhar, o cumprimento, a este a saudação a meia voz, depois um dito, uma flôr e afinal a confidencia.

Ahi está porque ás vezes a Ritinha deixava de cantar . . . ahi estão as orações, que ella ás vezes recordava.

A principio procurou fugir ao encanto; depois, quando cedia, protestava não tornar a ver o moço; e ainda menos fallar-lhe; mas no dia seguinte o coração tomava-lhe conta da razão e lá a levava para a janella á espera da quotidiana visita.

O moço, que no começo procurára apenas um passatempo, acabou por se achar devéras apaixonado; talvez com uma dessas paixões, que não passam da saciedade dos sentidos. Ritinha porém, coitada, era a primeira vez que amava, e n'esse coração virgem foi echoar agradavelmente a voz d'aquella serêa de casaca, que a captivou sem dó.

Elle em uma das furtivas conversas manifestára á Ritinha o despejo vehemente de a ter por espoza; mas, é o costume, — ponderou á desgraça em que penava pela opposição da familia; ao mesmo tempo porém, dizia-lhe que em breve burlaria de todas essas opposições, e que quando não houvesse outro remedio, todos approvavião o seu consorcio. Disse emfim tudo o que se costuma dizer n'essas sedicções seducções, em que a eloquencia dos taes *Dons Juans* ficaria á ver navios, se as pobres victimas não estivessem com a razão nos picadeiros da paixão, prompta a deixar-se escorregar até ao mar da desventura.

O resultado de tudo isto foi — que um dia, Ritinha, negando ao namorado entrada sob o tecto maternal, por



certos escrupulos, prometteo-lhe acompanhal-o na noute se guinte ás horas em que costumava esperal-o ; não podendo ser mais tarde por cauza do veterano, que lá ia passar as noutes.

No dia seguinte pois, á hora aprazada, a pobre moça desvairada, ainda procurava furtar-se ao mão passo que ia dar, quando appareceu o namorado. A fascinação apode-rou-se da desgraçada, disse-lhe algumas palavras sem nexo, e recolheo-se a tomar um pequeno embrulho, que tinha preparado.

O moço, receiozo que lhe escapasse, empurrou a rótula e entrou. N'esta occasião o sino da matriz tangia as badaladas das *ave-marias*.

Ritinha chegava á porta do quarto de sua mãe para dizer-lhe um adeos com o coração.

A velha céga recitava em voz alta as suas orações, acabando com a que se dirige a Deos pelos filhos, e que termina assim :

„ . . . Dae-lhe, Senhor, razão esclarecida, temor em „vós e respeito á mim. Se por ventura se aviltar a ponto „de me enganar, provar-lhe-hei, havendo-me com ella com „caridade, que em vez de me enganar, enganou-se a si „mesma, pois que enganou sua bemfeitora e amiga.

„Senhor, vós, que conheceis meu coração, abençoe mi- „nhas intenções, abençoando minha filha para que me torne „um instrumento de vosso amor e bondade, Amem.“

Essas palavras da velha mãe, n'aquella hora tão saudoza e solemne; essas palavras tão repassadas de uncção e de amor forão um clarão, que subito alumiou o espirito cégo da pobre moça e lhe marcou a differença entre o amor terreno e material d'aquelle homem e o d'aquella, que lhe dêo o ser, e que se elevava a cima de todos pela santidade que o ungia.

Ritinha tinha ajoelhado, o moço vendo-a n'aquella postura e afflicção tocou-lhe no braço para ajudal-a á levantar-se.

Ella levantou-se rapida :

— Ouvio? perguntou-lhe banhada em lagrimas.

— Ouvi.

— Pois então, deixe-me, deixe-me pelo amor de Deos, pelo amor de sua mãe!

Abrindo as portas da alcova, cahio nos braços da velha, soluçando.

— Que tens, minha filha? perguntou a pobre mãe.

— Minha mãe, abençoe-me e ajude-me a rezar a oração das *ave-marias*, que ha muitos dias não rezo.

D'alli a instantes ouvia-se um concerto de duas vozes recitando a Saudação Angelica. O pranto que a principio acompanhava foi-se seccando, e quando Ritinha voltou á sala, para fechar a janella, já estava com a phyzionomia composta e socegada.

No dia seguinte o moço, que só á noute costumava procurar a pobre cazinha, entrou desassombradamente á luz do dia e pedio para fallar á mãe de Ritinha.

Apoz alguns momentos, a velha consultava sua filha sobre o pedido, que aquelle cavalheiro lhe fizera de sua mão.

A resposta não foi duvidoza, a unica condição, que Ritinha impoz, foi a de escolher a hora para o cazamento.

Dias depois, ao bater das *ave-marias*, cazavão-se os nossos namorados, e a pobre velha toda secia e chorando de prazer, perguntou:

— Então como foi isto?

— Foi Deos, respondia o genro, que ouviu as suas orações ás *ave-marias*.

\* \* \*

## Pensamentos e maximas.

---

Uma mãe é um thezouro inestimavel, cujo valor só se aprecia quando o perdemos. E' semelhante a saúde, com que não nos importamos até o momento, em que somos cruciados pelo soffrimento physico, e então a desejamos com ancia.

\* \* \*

Na mudez dos tumulos se aprende mais do que no tumulto do mundo. O cemiterio é um livro aberto, cheio de exemplos e conselhos proveitozos. Junto a sepultura de uma creatura, que foi boa em vida, existe outra de quem marchou por terreno opposto, sendo preza continua do mal. Os successos, que obtiverão ambas no correr da existencia, ali fallão eloquentemente ao espirito pensador do piedoso mortal que, respeitoso, frequenta esse lugar de paz e realidade.

\* \* \*

Nada ha mais repugnante do que um egoista. Vive seggregado da sociedade para não ser util á humanidade; occulta-se para não ser conhecido, e ter o direito de ser servido quando a necessidade o acossa.

\* \* \*

A mais difficil sabedoria é a que faz conhecer a creatura, essa sphyngue incomprehensivel.

Um rosto sereno ou rizonho revelando bondade, encobre muitas vezes uma alma perversa a espreita de occasião

para fazer mal; semelhante aos velhos edificios de deslumbrantes fachadas, que disfarçam as ruínas prestes a tornar victimas os que se deixão seduzir pela apparencia, e descuidozos adormecem de baixo de seus tectos; ao inverso, um exterior, que infunde medo ou antipathya, abriga um coração nobre e generoso, que faz o bem inesperado, e surprehende agradavelmente a nossa expectativa.

Quem julga pela apparencia arrisca-se a engano e a arrependimento.

\* \* \*

E' preferivel algum prejuizo em nossos haveres a sustentação de uma demanda justa, ainda que por fim dê ella em rezultado o triumpho de nosso direito euergicamente disputado.

Os sustos, os desgostos, as malquerenças, as contrariedades, as mil peripecias enfim, inherentes a contenda, não encontrão compensação nem mesmo n'uma decisão completa.

\* \* \*

Evitar quanto se possa a dependencia, é firmar a propria liberdade.

E' melhor dar do que pedir, mais conveniente perder do que esperar. Quem vive de esperanças — diz o adagio — acaba na penuria.

\* \* \*

Uma vida mal começada acaba sempre no infortunio. E' tão raro no meio da existencia solapada pelos estragos da má direcção uma luz salvadora, que a encaminhe beneficemente ao fim, como é impossivel para a medicina a cura da enfermidade, que offendeo fatalmente um orgão essencial á vida.

A mocidade deve, pois, ter muito em vista começar bem, ainda que para isso seja mister padecer trabalhos; mais tarde applaudirá os sacrificios, que derão os optimos resultados, que desfructará contente.

---

## Chronica.

---

No dia 18 de Junho, com uma imponente sessão mágnã, e não menos esplendido sarão, commemorou o *Parthenon Litterario* o seu undecimo anniversario.

Procurar encarecer essa festa consagrada ás lettras é desnecessario, desde que em rubrica especial vêm publicados quasi todos os discursos e poesias, que constituirão a parte puramenté litteraria da sessão.

O vasto salão da *Soirée*, a discreta protectora das confidencias ingenuas, das intimas expansões e dos suaves jubilos da mocidade, que ali tem o seu edem terreal, arreiou-se de galas, de luzes e flôres para receber em seu recinto o talento, a graça e a belleza.

Ao fundo do salão, em um docel artisticamente preparado, entre duas pyramides, rematadas por espheras, em que se lião os nomes gloriozos de seus extinctos socios — Conde de Porto Alegre, Barão de S. Borja, Nery, Alencar, Affonso Marques, Ferreira Neves, Baptista Pereira, Amalia Figueirôa, Lobo Barreto, Gustavo Vianna, e Drs. Whatubá, Thimoteo da Roza e Caldre Fião — erguia-se um lindo painel representando o soberbo templo do *Parthenon* entre nuvens, destacando-se, em frente, n'um lindo grupo, um indio, hasteando o primorozo estandarte da associação.

Porto Alegre, como um protesto á propaganda movida contra o *Parthenon* pelo ultramontauismo, fez-se ali representar pelo que possuia sua sociedade de mais selecto, de mais illustre e de mais bello, distinguindo-se especialmente o sexo gentil, que, tomando parte activa n'essa festa de civilização e progresso, parecia commuñicar a tudo quanto o cercava a magia de seus encantos.

A *guarda velha* do *Parthenon* estava de armas ensarilhadas, contemplando em extazis o ardor da nova geração, que lhe hade herdar as gloriosas tradições substituindo-a nas lides do porvir.

Conquistarão os primeiros applauzos d'essa noute a distincta professora de musica Ex<sup>ma</sup> Snr<sup>a</sup> D. Questa Rondelli e suas interessantes discipulas as jovens Ex<sup>mas</sup> Snr<sup>as</sup> DD. Palmyra de Araujo, Anna Francisca Soares, Antonia Meyrelles Paranhos e Herminia Rondelli, cantando magistralmente o hymno do *Parthenon*.

Iniciou a parte litteraria a interessante Naninha Saboia, talentoza e linda menina de 6 para 7 annos de idade, que como relatora da commissão da 2<sup>a</sup> aula do 1<sup>o</sup> districto d'esta capital, viuha saudar ao *Parthenon Litterario*.

Essa eloquente criança teve por mais de vinte minutos prezo, arroubado a sua palavra sonôra e fluente aquelle numerozo e illustrado auditorio, que não sabia o que mais admirar — se a sua presença d'espírito, a nobreza e naturalidade de seus ademans, a correcção de sua phraze, ou o enthuziasmo com que se arrebatava.

Cabendo a vez ao *Parthenon* occuparão sua tribuna duas de suas illustres socias as Ex<sup>mas</sup> Snr<sup>as</sup> DD. Luiza de Azambuja e Luciana d'Abrêo. — Aquella com a alma a borbulhar em calidos jorros o enthuziastico ardimento das naturezas meridionaes, inspirada ainda pela poesia dos quatorze annos, dispoudo das mais felizes disposições para a oratoria e de não vulgar talento, — esta, a illustrada preceptora, tão modesta quanto criterioza e distincta — objectivando em seu discurso a grandioza idéa da emancipação de seu sexo, — conquistarão ainda uma vez esplendidos triumphos para si e novos louros para a tribuna, que illustravão.

Ainda conquistarão applauzos merecidos, além dos dous alumnos da 1<sup>a</sup> aula do 1<sup>o</sup> districto, os distinctos cavalheiros que, ou produzindo brilhantes discursos, ou recitando bellissimas poesias, tanto esplendor derão á essa solemne festividade.

\* \*

E não foi só a parte litteraria que esteve brilhante, tambem a orchestra do nosso propecto maestro Commendador Mendanha, e a banda de musica da Escola Nocturna distinguirão-se notavelmente.

Com o baile, que se prolongou até ás 3 horas da madrugada, reinando sempre a mais franca animação e cordeal alegria, terminou a festa commemorativa do undecimo anniversario do *Parthenon Litterario*.

\* \* \*

Seríamos injustos, se, tendo consignado a festa das letras, deixassemos em olvido a festa da arte: o concerto da *Philharmonica Porto Alegre*se.

Profanos porê m, como somos nos mysterios de Euterpe, — cedemos e com desvanecimento a descripção dessa soirée musical a habil e competente penna de *Melomano*.

*Philharmonica Porto Alegre*se.

„Para se escrever sobre musica é preciso que o espirito transcenda aos mundos phantaziosos da poesia, e que a penna do escriptor desfira chispas e scintille diamantes.

A musica é tão sublime, que uma descripção fica muito aquem do effeito em nós cauzado pelo tanger de qualquer instrumento por mão conhecedora, ou pelo modular de uma voz em inspirado cantar.

A musica é grande, porque é a inspiração do verdadeiro, é a revelação do bello, é o resultado do pensamento humano, que, mais subtil e veloz que a luz, sóbe além das nuvens, e, no seu vôo assombroso, transpõe as barreiras do mundo vizivel, contempla o espaço e se expande na immensidade.

E ha quem diga que, de todos os barulhos, é a musica o mais toleravel!

Que gente! . . .

Estas reflexões occorrem-me ao lembrar-me do concerto da *Philharmonica Porto Alegre*se.

E' sobre elle que vou dizer alguma couza, não como censor autorizado, mas como amator conscienciozo e sentimentalista, que se arrouba em inefavel extasis, quando ouve alguma peça bem escripta e bem tocada.

Começou o concerto pela mangnifica ouvertura *Califa de Bagdad*, executada pela orchestra.

Foi de um effeito surprehendente. E' uma musica magestoza. a musica de Boieldieu: pende mais para o symphonico do que para o melodico, e é por isso que pouco se coaduna com ouvidos não affeitos ao classismo.

Agradárão muito, tambem, as duas phantazias para violino: *Aida* e *Filha do Regimento*, pelos jovens Pedro Molz e Eduardo Martin.

Esta ultima phantazia, composição de Alard, o philosopho do violino, é muito difficil, e admirou-me interpretada por uma creança.

Terminou a primeira parte do concerto a ouvertura de Suppé — *O poeta e o pastor*, que foi magistralmente desempenhada.

Abrio a segunda parte a ouvertura da opera *O Pirata*, composição do autor da *Straniera*, da *Norma*, dos *Puritanos* e de tantos outros poêmas, como são as suas operas.

E' uma obra delicada, inspirada e perfeitamente ligada ás idéas musicaes, que se succedem no correr da opera.

Bem acertada escolha.

E' innegavel que, se os mestres exigem o que é escripto em estylo elevado, guindado, os menos sabios precisam do que está ao alcance de sua intelligencia, para que gozem inteiramente. Por isso a musica italiana: sempre a melodia.

Depois seguio-se uma peça digna de todo o apreço: um *adagio* de Gottermann para violoncello.

Quando se quer dizer muito, nada se diz; por isso limito-me a d'aqui enviar um bravo ao Sr. Riffe.

Na verdade, é sublime o pensamento, que desperta o som avelludado d'aquelle instrumento solemne e grandiozo! Como que nos vêm á idéa o *Cantico do Calvário*, o pobre André dos *Mohicanos de Paris*, e tantas outras reminiscencias poeticas e languidas, que nos embevecem em gratos scismares.

E, digão o que disserem, a musica tem um fim concreto, inteiramente ligado á certos e determinados factos e objectos, separada dos quaes não commove tanto.

E' como que a mnemónica do sentimento.

Quantas vezes, ao ouvirmos tal ou qual melodia terna, não nos lembramos do que aconteceu em tempos, que já passarão. . . e ás vezes, com que saudade, com que tristeza. . .

Succedeo ao *adagio* uma phantazia sobre motivos do *Barbeiro de Sevilha*. Musica alegre e cheia de floreios, ás vezes traquinas, outras ralhadora, presta-se perfeitamente á uma peça como a de que trato, a qual foi perfeitamente executada pelo distincto amador, Sr. Luce.



Para quem conhece as difficuldades do violino, cauza sempre admiração um amator, que toca bem.

Finalizou o concerto uma walsa sobre motivos do *Guarany* do nosso Carlos Gomes, orchestrada pelo Sr. Carlos Bernardino e tocada pela orchestra, que, como nas outras peças, desempenhou-se brillantemente.

Tenho tambem a notar a parte vocal, da qual se encarregarão algumas Ex<sup>mas</sup> Senhoras, desempenhando-a habilmente.

As peças forão da mais feliz escolha. O que é escripto pelo inspirado Fabio Campana, é sempre musica simples, suave e insinuante.

Perdoem-me os doutos se não escrevi bem e se não descrevi melhor. Fiz o que pude fazer. Mais não me era dado pela defficiencia de conhecimentos especiaes e pratica da materia.

Nø entanto ahi fica o resultado da boa vontade e do *dilettantismo*. *Melomano.*"

\* \* \*

E quanto se despertão as gratas reminiscencias de uma d'essas encantadas noutes passadas ou no *Parthenon*, ou na *Philharmonica*, ainda que grandes acontecimentos nos estejão a atropellar, a dar-nos as mais arriscadas cambalhotas, a gente que anda com o espirito lá por cima por aquelles *mundos phantasiozos* de que falla *Melomano*, não tem vontade de que elle volte a este planeta, ou pelo menos a esta parte d'elle, em que o granizo tamborina nas vidraças a mais prozaica das monodias, e o selvagem *minuano* arranca de seu asperrimo flautim notas, que cortão as carnes, senão tambem os ossos do

**Bernardot.**

## Expediente.

---

Accuzamos, com reconhecimento, a recepção dos seguintes jornaes, com que fomos obzequiados, fineza que retribuimos com a remessa da *Revista*:

*Echo do Sul, Artista, Diario de Pelotas, Violeta, Phenix Litteraria e Evolução.*

— Temos em nosso poder e publicaremos proxima-mente as seguintes collaborações que devem abrilhantar a *Revista*: *Varella, o poeta — O homem physico — Manifesto do Presidente da Republica Rio-Grandense* — e as inspiradas poesias *Avante, Tempestade, Margarida.*

Agradecemos-as.

— Recebemos tambem — devolvidos — pelo clero d'esta diocese — com trez honrozas excepções — todas as *Revistas*, que lhe haviamos enviado.

Agradecemos a significativa prova com que se dignou distinguir-nos o *illustrado* clero, apoz os artigos que publicou o *Deutsches Volks-Blatt*, de S. Leopoldo.

Devemos resposta á esses artigos do orgão dos Jezuitas, e n'elles retribuiremos a *fradesca differencia*, que nos foi dispensada.

---